

# Jornalismo em segunda tela

## Webjornal produzido com dispositivos móveis em redação virtual

**ZANEI RAMOS BARCELLOS**

Professor  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
zanei.barcellos@gmail.com

**RODRIGO GONZATTO**

Professor  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
rodrigo@gonzatto.com

**GABRIEL BOZZA**

Professor  
Unibrasil Faculdade de Curitiba  
gabrielbozza@gmail.com



convergência de funcionalidades nos dispositivos móveis, quais notebooks, *smartphones* e *tablets*, os iguala como aparelhos que permitem exercer inúmeras atividades comunicacionais/informacionais antes possíveis em aparelhos específicos, como telefone, rádio, televisor, jornal, máquina fotográfica, toca-discos, *CD player*, *DVD player*, toca-fitas, filmadora, entre outros. O que diferencia os três dispositivos móveis citados, basicamente, é o tamanho da tela e as atividades mais adequadas a elas quanto ao ambiente/situação de uso. A multimidiatização e a ubiquidade da rede mundial de computadores com a difusão de conexões wi-fi e das tecnologias 3G e 4G colocam-nos com dispositivos suficientes para a produção, distribuição e recepção de produtos jornalísticos, evidentemente com alguma perda de qualidade técnica em certas aplicações, falhas que redes mais eficientes e aparelhos mais precisos certamente resolverão em poucos anos. O uso de dispositivos móveis, portáteis, interativos e multimídias para produzir conteúdos jornalísticos textuais e audiovisuais de qualquer tipo promove o surgimento da convergência jornalística que integra modos de comunicação separados afetando empresas, tecnologias, profissionais e audiência (García, Fariña, 2010). Essa nova dinâmica da horizontalidade como marca para o processamento de fluxos de informações por entre as distintas plataformas, com integração de processos e produtos multimídia usando mídias móveis, resulta na chamada quinta geração de desenvolvimento para o jornalismo nas redes digitais (Barbosa, 2013).

### **Pour citer cet article**

#### **Référence électronique**

Zanei Ramos Barcellos, Rodrigo Gonzatto, Gabriel Bozza, « Jornalismo em segunda tela. Webjornal produzido com dispositivos móveis em redação virtual », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 3, n°2 - 2014, mis en ligne le 15 décembre 2014. URL: <http://surlejournalisme.com/rev>

Os notebooks, *smartphones*, *tablets* e a *smart TV* são companheiros permanentes de um percentual cada vez maior da população mundial, notadamente os mais vorazes consumidores – e agora também produtores-emissores – de conteúdos comunicacionais. A imersão do usuário-mídia, o internauta comum que produz conteúdos auxiliado pelas ferramentas colaborativas e interativas da web, como as redes sociotécnicas, ou redes sociais que utilizam-se da internet, os blogs e sites, interfere na comunicação e nas organizações facilitando a comunicação aos emissores (Egler, 2007; Terra, 2012). Muitos deles, quando há efeito multiplicador suficiente, adquirem características de comunicadores de massa ao endossarem e criarem conteúdos. O jornalista pode ser entendido como um usuário-mídia, que é um internauta reconhecido como influente por ser ativo, formar opinião na rede e analisar opinião de outros canais de veiculação de conteúdo (Terra, 2012).

A produção jornalística profissionalizada destinada às massas vem sendo realizada, desde a Revolução Industrial, em espaços de trabalho onde os jornalistas compartilham planejamentos, trocam informações e dividem atividades internas e externas; mescla necessária a um amálgama de ideias para um bom produto final. Mesmo que, desde o século XIX já existissem o telégrafo e o telefone, possibilitadores do trabalho de correspondentes, bem como o estabelecimento de sucursais e de agências de notícias, o trabalho de planejamento das edições e o processamento das informações para a impressão em regra se realizavam em um local físico, denominado redação<sup>1</sup> no jargão jornalístico. As redações sofreram modificações profundas com a informatização, notadamente a partir do final do século XX, quando se acentua o processo que Jenkins (2008) chama de convergência. Antes em geral exclusivas para a produção de conteúdos para um único veículo ou, quando para mais de um, pelo menos de mídia semelhante, agora as redações podem servir, no caso de conglomerados comunicacionais multimídia, para a produção compartilhada destinada aos diferentes veículos do grupo, mesmo de plataformas distintas. Nessas redações convergentes, a disposição das mesas, equipamentos, estúdios e laboratórios, assim como a interligação dos computadores em rede, favorece o trabalho conjunto, a troca e o reaproveitamento de informações e o reprocessamento de produtos acabados. Também favorece o trabalho remoto. Mas, apesar disto, ainda mantém marcadas características centralizatórias. Há casos de integração plena em que a produção multiplataformas acontece em uma única redação e outros de colaboração entre redações, em que os jornalistas ou grupos de jornalistas trabalham em locais diferentes conectados por instrumentos multimídia (García, Fariña, 2010).

Embora possa-se dizer que até nas redações de grupos comunicacionais cuja base seja um veículo tradicional com seu site em paralelo – a exemplo de alguns grandes jornais brasileiros – a convergência existe em pequeno grau, com produção diminuta e até rudimentar de matérias em vídeo ou áudio, simplesmente para ofertar algum conteúdo em mídias outras além de texto e foto; também se nota mundialmente a existência de redações unificadas com alto grau de sinergia entre diversos veículos de diferentes mídias. Da mesma forma constata-se que, na maioria das práticas em plataformas digitais, os veículos de comunicação utilizam-se quase dos mesmos processos de produção dos veículos tradicionais impressos, radiofônicos e televisivos. Ou seja, transferem estes processos à sua atuação online, com pouco espaço para a experimentação de formas de fazer jornalismo valendo-se realmente das possibilidades ofertadas pelas novas tecnologias.

Com a rede e dispositivos móveis, a produção jornalística pode valer-se do trabalho sinérgico possibilitado pelas redações convergentes, porém dispensa a existência de um local físico de atuação conjunta para os jornalistas do mesmo grupo comunicacional. O “local” de trabalho compartilhado passa a situar-se no ciberespaço, como conceitua Lévy (1999), ou seja, um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, concomitantemente coletivo e interativo, sem ser, entretanto, uma infraestrutura. Diante do exposto, estabelece-se o termo “redação virtual” como local do ciberespaço onde os jornalistas trabalham de forma suficiente e sinérgica sem necessitar de espaço físico compartilhado. Assim, paradoxalmente, pode-se dizer que a produção jornalística se dá de forma dispersa, sem reunir os profissionais no mesmo espaço físico, mas centralizada e/ou coordenada, no mais das vezes concomitante, em um “lugar” do ciberespaço que se torna também ambiente de destino da produção, onde é processada e de onde é distribuída para o consumo.

Os dispositivos móveis, portanto, também colaboram para mudanças na recepção e no consumo da informação. O público «conectado» assiste televisão, por exemplo, de forma menos passiva. Assistir televisão, para esse público, implica em ações simultâneas, via rede, relacionadas ao ato de assistir, quer via dispositivos móveis ou pela própria TV, tais quais consultas para aprofundamentos ou em busca de detalhes, emissão de comentários, linkagens sobre os assuntos em pauta e discussões via redes sociotécnicas, entre inúmeras outras possibilidades. O desempenho de ações comunicacionais paralelas via internet ou outras formas de conexão em rede, síncronas ou assíncronas, e motivadas pela programação de televisão usando geralmente a *smart TV*

ou algum dispositivo móvel, vem sendo chamado de segunda tela, termo cuja acepção dada nesta pesquisa será explicada no decorrer do artigo.

Este trabalho, portanto, recorre aos estudos de Vassão (2008) sobre comunicação pervassiva e ubiquidade; da transmediatização de Jenkins (2008) e delimita o uso do termo “jornalismo em segunda tela” em consonância com a experiência realizada. Ele resgata discussões sobre o uso dos dispositivos móveis na comunicação de forma geral e pelos meios de comunicação e seus jornalistas. Finalmente, apresenta uma forma de produção jornalística multimídia destinada ao consumo em tela paralela ao telejornal de maior audiência no Brasil, o Jornal Nacional<sup>2</sup> (JN). Isto porque as velozes, abundantes e constantes evoluções tecnológicas necessitam ser digeridas pelo jornalismo e os meios de comunicação, dada as características de trabalho produtivo também constante e ininterrupto e que acaba não sendo o cenário ideal para experimentações – papel que cabe melhor à universidade. Nesse sentido, o presente trabalho relata a experiência laboratorial de criação, planejamento e produção do jornal #Tela2 concomitantemente por duas turmas do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), campus Curitiba, tentando valer-se somente de dispositivos móveis para a comunicação entre os jornalistas e de uma redação virtual para o planejamento, processamento e distribuição de conteúdos; dentro da proposta de fornecer notícias equivalentes ao JN, mas segmentadas e até ampliadas, e de criar mecanismo de interatividade com o receptor das duas telas (JN e #Tela) via redes sociotécnicas. Assim o artigo visa contribuir com os estudos acadêmicos e com o mercado.

## O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS PELO JORNALISMO

A seguir, evidencia-se como os dispositivos móveis estão influenciando o trabalho dos jornalistas, assim como as mudanças e adaptações que as redações estão sofrendo para a produção e veiculação das notícias, valendo-se da rede e desses dispositivos. Também aborda-se o consumo da notícia por usuários conectados por dispositivos móveis, a cada dia mais interativos e críticos em relação aos conteúdos informacionais difundidos pela mídia.

As evoluções dos dispositivos móveis levam as empresas jornalísticas a formatar seus conteúdos para que sejam acessados instantaneamente pelos novos dispositivos convergentes. Essas mudanças exigem discontinuidades e reformulações das etapas de produção jornalística e nas funções dos jornalistas. Hoje o repórter pode apurar informações, registrar a reportagem em material audiovisual, repassar re-

mota e instantaneamente para a redação e transpor o conteúdo para as redes sociotécnicas do veículo de comunicação. Uma pauta pode surgir durante a apuração de outra e rapidamente virar notícia. Na outra ponta estão os usuários, que buscam conteúdos personalizados e interativos em aparelhos como notebooks, *smartphones*, *tablets*, entre outros, que permitem a interação temporal e geográfica (Humphreys, 2010). Além disto, uma linguagem de reportagem jornalística que permite a navegabilidade por espaços intertextuais pode ser criada com a produção por telefones celulares ou dispositivos móveis, como *tablets* conectados à internet (Porto, Flores, 2013).

As plataformas móveis conectadas ao jornalismo estão promovendo, portanto, “mudanças na prática jornalística, na dinâmica das redações e nos processos de produção de conteúdos por assumirem o papel de meio de distribuição de notícias, fortalecendo a produção colaborativa”, conforme Barcellos e Bozza (2013: 254). A redação virtual, com a possibilidade de jornalistas conectados até em pontos extremos do globo, permite o acesso, envio e intercâmbio de informações e comunicação de forma acentuada entre os produtores de notícias nesse modelo dinâmico de rotina de trabalho, bem como a produção de matérias em conjunto por jornalistas dispersos espacialmente, sincronamente ou assincronamente. Nesse contexto, o jornalismo se adapta à web 2.0.

Uma série de transições está agora bem encaminhada: do analógico para o digital; do consumo passivo de conteúdo para interação com o usuário-produtor, a partir das plataformas móveis (jornais e revistas são por excelência de mídia móvel, é claro, e por esta razão vão sobreviver mais do que alguns preveem, mas mais pessoas estão consumindo mais do seu jornalismo em movimento, através de *laptops*, *iPods*, telefones celulares); e do local ao global (um processo que começou décadas atrás, mas agora está acelerando com a coincidência de Internet e canais de notícias transnacionais 24 horas) (McNair, 2009: 348).

O uso dos dispositivos móveis por jornalistas permite uma série de oportunidades operacionais para o exercício da profissão como, por exemplo, na experiência do #Tela2, que será explicada na sequência. A taticidade é elemento inerente a esse processo pelo profissional de comunicação ao usar aplicativos presentes nos dispositivos móveis com recursos de *touchscreen* ou tela sensível ao toque, permitindo interação a dados, como nas redes sociais (Palacios, 2012).

O jornalista, portanto, consegue atuar fora das redações convencionais gerando proximidade com a

notícia ou mesmo ter o contato com ela sem esperar. Essa nova forma de coleta de informações possibilita a transmissão de informações de pontos mais remotos do espaço público em tempo real. O jornalista consegue levantamento de múltiplos dados, fazer entrevistas exclusivas, ao mesmo tempo em que consegue realizar trabalho multimídia, com a captação de imagens, vídeos, áudios e fotografias. Ele mesmo edita esses materiais, pode postar em blogs, sites e redes sociotécnicas, ou trabalhar simultaneamente com outros jornalistas, síncrona ou assincronamente, presencial ou virtualmente, nas redações físicas ou virtuais. Para essa dinâmica ser eficaz, as redações devem possibilitar ao jornalista na rua acessar as plataformas de publicação de notícias. Observa-se atualmente a intensificação da profissão do videorepórter nas emissoras de televisão, que possibilita a esse o deslocamento por vários pontos da cidade na busca de notícias, o que não seria possível ao jornalista fixo na redação. Para os demais meios, muitas vezes o acesso às plataformas de publicação se dá com dispositivos móveis “simples”, como os *smartphones*, notebooks e *tablets*.

### Difusão e uso dos dispositivos móveis no Brasil

Segundo a pesquisa TIC 2012 do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (Cetic, 2013), com base em 33,9 milhões de pessoas que usaram a internet pelo telefone celular entre outubro de 2012 e fevereiro de 2013, 59% dos usuários da região Sul utilizaram diariamente, contra 58% do Sudeste e 60% do Centro-Oeste. Os usuários entre 45 a 59 anos são os que mais acessam diariamente internet pelo celular, com proporções semelhantes em usuários de outras faixas etárias. Os números do uso dos *smartphones* para acesso à rede e do acesso à internet por qualquer meio são significativos, apesar do custo da telefonia móvel brasileira ser dos mais altos do mundo e do fato que apenas metade da população está conectada às redes. A pesquisa da IAB Brasil (2013) aponta ainda que 73% do público online no país usa regularmente pelo menos um dos seus dispositivos móveis, sejam laptops, *smartphones* ou *tablets*. Cerca de 65% dos usuários utilizam a internet em casa durante a noite por meios de *tablets* ou computadores fixos, com o uso maior de *tablets* acontecendo em casa, em horários variados, ou na casa de amigos ou familiares. Outros 30% utilizam o *iPad* ou outro *tablet* com acesso à internet para navegar ou usar redes sociotécnicas. Os usuários de notebooks conectados à rede representam 61%. A pesquisa da ComScore “Brasil Conectado – hábitos de consumo de mídia – 2013”, por sua vez, revela que os usuários frequentemente ou quase sempre acessam a internet enquanto assistem televisão, valendo-se de notebooks ou computadores fixos (64%), *smartphones* (58%) e *tablets* (57%) (IabBra-

sil, 2013). A difusão de conteúdos nas plataformas digitais deve possibilitar menos esforços de recepção e maior possibilidade de interação. Os dispositivos, por sua vez, devem permitir a taticidade, como uma forma de navegabilidade rápida e acesso aos conteúdos num simples toque do aparelho com os dedos. Esse conceito propõe a integração, que é o ato de colocar as coisas juntas e, também, de tocá-las. “*Tato não é só a base da realidade, mas também uma das bases do entendimento e da compreensão. Sublinaramente, as operações intelectuais são experiências táteis.*” (Kerckhove, 2009: 61). O leitor exige uma imersão rápida no conteúdo informacional. A imersão gradual na web 3.0, da websemântica, parece vir acompanhada de instrumentos aproximativos de realidade virtual. A comunicação via dispositivos móveis permite a interação e novas oportunidades para uma comunicação instrumental e expressiva capaz de envolver pequenos grupos ou clubes (Campbell, Kwak, 2010). E pode assumir proporção de comunicação massiva, conforme a repercussão que a informação obtém na rede.

---

### A EXPERIÊNCIA

---

#### Processos de discussão para o delineamento do produto

Os processos de criação, produção e distribuição do jornal #Tela2 se deram inicialmente nas aulas da disciplina Jornalismo e Novas Mídias II, turmas matutina e noturna, do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da PUCPR, sob coordenação de dois professores: um responsável pelas questões editoriais e outro pelas técnicas. Como dito, partiu-se da constatação que a maioria das práticas em plataformas digitais realizadas pelos veículos de comunicação utilizam-se quase dos mesmos processos de produção dos veículos tradicionais impressos, radiofônicos e televisivos, e de que os veículos tentam enquadrar estes processos em sua atuação online, com pouco espaço para a experimentação de novas formas de fazer jornalismo valendo-se das novas tecnologias. Tendo como horizonte a utilização criativa das novas mídias para repensar os processos comunicacionais, antes do início das aulas da disciplina os professores debateram para delinear uma proposta de atuação conjunta e encontraram na ideia de “segunda tela:” um espaço para questionar paradigmas e experimentar formas diferentes de se fazer jornalismo.

Logo após, os debates foram realizados com os alunos em sala de aula, quando se levantou o cenário contemporâneo no qual cresce o número de pessoas que assistem televisão simultaneamente ao uso de computadores para trabalhar, escutar rádio, música,

assistir vídeos, ler; tarefas muitas vezes relacionadas aos conteúdos que estão sendo transmitidos pela TV. Nesse contexto é comum que o telespectador utilize dispositivos móveis para consultas de informações em paralelo, emissão de comentários em redes sociotécnicas, interação com amigos, linkagem de conteúdos, entre outras atividades. A esse processo multitarefa síncrono em paralelo a uma mídia principal passou-se a chamar «segunda tela», mesmo sem o estabelecimento de teorização sobre o assunto, o que se deu em paralelo às aulas pelos professores, com resultados expostos nas classes teóricas.

### **Jornalismo segunda tela**

Encontrou-se alguns conceitos de segunda tela que somados a conceitos básicos de jornalismo foram usados para delimitar o que se denomina de jornalismo em segunda tela nesta pesquisa aplicada, sem se pretender chegar a uma conceituação do termo, uma vez que isso exigiria suporte teórico mais aprofundado. Por outro lado, a necessidade de um conceito de jornalismo em segunda tela está atrelada à consolidação desse processo como um gênero jornalístico, o que pode nem ocorrer devido à volatilidade contemporânea das tecnologias comunicacionais, à velocidade com que surgem, desaparecem ou se transformam. Portanto, esta subseção se configura como reflexão sobre a possibilidade de jornalismo em segunda tela, cuja experimentação mostrou viável, e também como um embrião de discussão para um conceito consistente, caso se mostre necessário.

Segunda tela é um termo utilizado para se referir à utilização de dispositivos móveis (segunda tela) simultânea a uma programação televisiva (primeira tela), a fim de interagir com outros telespectadores e interessados e/ou acessar informações sobre o assunto do programa. Este modo de assistir televisão e utilizar esses dispositivos é um fenômeno que surge como um comportamento dos usuários e telespectadores, e que vem recebendo atenção por parte dos veículos de comunicação e da pesquisa acadêmica.

Com a ampla produção e uso social de dispositivos móveis como celulares, notebooks e *tablets*, dispositivos computacionais começaram a ser utilizados cotidianamente em diversos espaços. Na última década, abandonou-se o paradigma da computação pessoal, em que cada usuário utiliza um computador, e encaminhou-se à computação pervasiva (ubíqua), situação em que cada usuário utiliza muitos computadores (Vassão, 2008).

A segunda tela surge no contexto da miniaturização dos dispositivos computacionais, do desenvolvimento de variedades de tipos e tamanhos destes

e da ampliação das possibilidades de conexão às redes. Também pode ser enquadrada como em uma Ecologia de Interação (Vassão, 2008), uma multiplicidade de interfaces e modalidades de interação, que “*permite uma multiplicidade de vias de comunicação e re-configuração do ambiente*” (Vassão, 2008: 81), visto que o uso de dispositivos para segunda tela redefine o ambiente de consumo de mídias (como assistir televisão).

No campo da Comunicação Social, a segunda tela pode ser abordada pela perspectiva da narrativa transmidiática, que representa um significativo desafio para os grandes meios produtores de conteúdos, principalmente com a proliferação dos dispositivos móveis de consumo audiovisual, e por ser o termo sucessor da convergência (Scolari, 2013). Aos jornalistas cabe produzir conteúdos com estrutura transmídia, para o público navegar em informações pós-hipertextuais, pois os conteúdos de um meio não podem ser repetidos em outros, e o maior desafio é fazer jornalismo a partir da telefonia móvel (Porto, Flores, 2013). Para Jenkins (2008), o fundador do conceito, a narrativa transmidiática pode ser entendida como algo que:

“se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor (...) . A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência.” (Jenkins, 2008: 135)

Este tipo de proposta que permeia uma transformação na forma de produzir, na forma de consumir os meios de comunicação, ganha validade entre os novos meios e as novas linguagens, mesclando hipertextualidade, hipermídia e une recursos interativos, audiovisuais e móveis (Jenkins, 2008; Porto, Flores, 2013). Mesmo não tendo surgido com os meios digitais, foi na inter-relação destes com a televisão que recebeu maior evidência (Martins, Soares, 2011). Essa conexão entre diferentes meios leva ao que foi chamado de jornalismo transmídia por Porto e Flores (2013), ao envolver uma linguagem que contempla diferentes meios com o uso, por exemplo, de recursos audiovisuais, de comunicação móvel e interatividade para difusão do conteúdo.

A utilização paralela de televisão e dispositivo móvel permite o acesso de outros conteúdos para diferentes fins tais como: saber mais sobre os fatos noticiados, produzir informações sobre estes, obter outras perspectivas do tema, entre outros; e a interação com outras pessoas, por exemplo, para comentar sobre um assunto, discuti-lo em redes so-

ciotécnicas, participar de enquetes, etc.) (Finger e Souza, 2012).

O jornalismo é caracterizado pela transmissão de informações atuais e periódicas a um público específico determinado, com o auxílio dos meios de comunicação de massa. O discurso jornalístico é composto por critérios de seleção, valoração, noticiabilidade e propõe um recorte experimentado da realidade do mundo social partilhado, com a construção de uma imagem do real. Pode-se analisar o jornalismo como um produto de uma prática humana cultural e social, compondo o resultado de um processo institucionalizado que apresenta dinamicidade, complexificações e mudanças, mas ao mesmo tempo invoca uma narrativa própria, uma hierarquia de conteúdos, temporalidade distinta e intertextualidade informativa. (Pontes, Silva, 2009; Porto, Flores, 2013).

Ao incorporar uma tecnologia ao jornalismo acontece a abertura de oportunidades de negócios para as empresas, muda a prática do profissional e abre-se a oportunidade de novas opções de consumo (Machado, 2008). As mudanças, resultantes principalmente das inovações tecnológicas no jornalismo, afetam a prática, o produto comunicacional e o profissional. Novos formatos inovadores de produtos e serviços são criados e mudam a dinâmica de produção e circulação da informação. O jornalismo constituído como uma instituição social também exige o desenvolvimento de diferentes tipos de sistemas, tais como apuração, produção, circulação e financiamento (Machado, 2008). A imersão de novas plataformas de veiculação de conteúdos digitais inseridas no modelo operacional de produção exige uma rápida assimilação dos conteúdos e interfaces. Em paralelo a isso, a emergência do cidadão-repórter, aquele que cria novas narrativas dos fatos em conteúdo textual e audiovisual potencializando um fato como valor-notícia, exige do jornalismo uma reciclagem dos padrões de produção de notícias.

Nessa relação conflituosa, debate-se o papel do jornalista. Ele é o intermediário entre os acontecimentos e a população, ordena informações e opiniões, reconstruindo fatos e os transformando em notícias, com narrativas traduzidas pela linguagem. O jornalista produz histórias, aplica, invoca e define normas (Tuchman, 1983). O jornalista atual transita entre o excesso de informação, a necessidade de relatar o mundo para a sociedade, aprendizado tecnológico, uso de dispositivos móveis e o velho leitor (Corrêa, Bertocchi, 2012). Na construção da realidade jornalística, a experimentação de um mundo vivido leva a um recorte experimentado dessa realidade do mundo social e partilhado.

Dessa forma, o jornalista é “o ator eleito socialmente para fazer a função de mediação de um fato, interpretando-a a luz da realidade social que cerca seu público, determinando-o como acontecimento e tratando-a sob forma da notícia” (Pontes, Silva, 2009: 53). A notícia registra uma realidade social, sendo um produto dela mesma e reproduzida como algo historicamente dado (Tuchman, 1983).

O fenômeno emergente de segunda tela abre mais um espaço para a veiculação de conteúdos jornalísticos. Porém, como novo espaço, ou nova mídia, a segunda tela também tem suas características que determinam os formatos jornalísticos que pode suportar. Em primeiro momento, apresenta-se como uma plataforma web multi e transmidiática capaz de ofertar concomitantemente a um noticiário televisivo um leque de notícias relacionadas produzidas por um corpo de jornalistas convergentes e, ao mesmo tempo, ser permeável à ação/interação com o público via redes sociotécnicas ou outros canais de interação, permitindo a este público interferir na construção da notícia.

Portanto, adota-se nesta pesquisa aplicada o termo “jornalismo em segunda tela” como a atividade jornalística exercida em meio digital, transmídia, multimídia e convergente, em paralelo a um telejornal, ofertando matérias relacionadas às veiculadas por ele, de produção própria ou não, de forma complementar ou contraditória, informativa ou analítico-opinativa, para públicos amplos ou segmentados conectados à web, com abertura de canais para a interatividade com o receptor, convidando-o a sair desta situação exclusiva para a inclusiva de ator na construção da notícia ou de um posicionamento sobre ela.

### **Produção em redação virtual com uso de mobiles**

Outra constatação importante dos debates em sala foi a difusão dos dispositivos móveis e sua ubiquidade graças às redes 3 e 4Gs e à difusão do wi-fi. Os dispositivos móveis são companheiros constantes, e seu uso é crescente, conforme confirmam os dados do CETIC (2013). Neste contexto, nota-se que as dinâmicas de segunda tela se dão, não necessariamente, mas em grande parte, por dispositivos móveis. O passo seguinte foi explorar as possibilidades do jornalismo nesta dinâmica de segunda tela.

Também fez parte dos debates o fato de que a internet abriu possibilidades de equipes de trabalho assíncrono ou síncrono sem a necessidade dos integrantes ocuparem o mesmo espaço físico, o que vem ocorrendo corriqueiramente para algumas profissões, e timidamente para o jornalismo. As turmas, então, propuseram-se a criar um produto jornalístico

que trabalhasse inteiramente de forma não presencial, uma redação virtual, cuja forma de comunicação interna utilizasse preferencialmente dispositivos móveis.

Decidiu-se abordar a produção jornalística em novas mídias valendo-se dos dispositivos móveis, e somente deles. Da mesma forma, optou-se por produzir material jornalístico multimídia em plataforma na web em paralelo a um telejornal, realizando matérias complementares, mas com viés local, segmentado, emitindo opiniões e fomentando o debate pelas redes sociotécnicas. Esta decisão foi fortalecida por proporcionar também um exercício de jornalismo em tempo real.

A partir de então, as discussões em sala de aula passaram a ser feitas pela rede, usando os computadores fixos. Em outras palavras, embora os alunos e o professor da parte editorial da disciplina estivessem na mesma sala de aula, concordaram em não conversar diretamente, mas apenas mediados por uma rede sociotécnica. A escolhida foi a rede social Facebook por possibilitar a formação de grupos e todos os alunos já terem perfil nela e, portanto, estarem habituados com a dinâmica de interação neste sistema. Para facilitar as discussões, durante as aulas os alunos eram divididos em grupos de cinco integrantes com um líder. Os temas eram discutidos via Facebook nos grupos, e os líderes levavam os resultados a uma segunda etapa de discussão em outro grupo no qual além deles estava o professor. Em um primeiro momento, coube ao professor apresentar as propostas e levar as decisões tomadas pela turma matutina para a noturna, e desta para a matutina. Posteriormente, cada turma escolheu um representante incumbido de afinar e unificar o discurso entre as turmas dos dois turnos. Esse diálogo de representantes, da mesma maneira, foi feito online. O representante de cada turma foi incumbido também de sincronizar as atividades e debates das aulas editoriais e técnicas, ministradas, como dito, por professores diferentes, de forma que as turmas desenvolvessem nas técnicas uma plataforma multimídia capaz de suportar as necessidades editoriais decididas.

Durante as aulas técnicas os alunos primeiramente leram e debateram textos de cases de transmídia e de segunda tela, analisaram propostas de segunda tela já existentes no Brasil, como a do Portal Cmais+ da *TV Cultura*, e posteriormente incluíram na discussão o jornalismo aberto (*open journalism*), uso de ferramentas livres e *open-source* para edição de texto e imagem (*bitmap* e vetorial) e de formatos livres de arquivos. Foram realizados experimentos de produção de segunda tela, utilizando-se do Twitter para criação de uma interface na qual eram

produzidas informações complementares de forma simultânea (em grupos) a exibição de uma gravação de uma edição do Jornal Nacional (disponível no Youtube). Esse experimento foi realizado de duas maneiras: primeiro, com os alunos produzindo informações livremente enquanto assistiam a reprodução do Jornal Nacional e, depois, preparando de forma planejada material para ser publicado durante a exibição do telejornal. Enquanto um grupo produzia o experimento de segunda tela, o outro acompanhava o Jornal Nacional e o Twitter, e depois invertiam-se os grupos, a fim de que todos pudessem experimentar tanto produção quanto consumo desta mídia. Complementarmente, também realizaram práticas, em laboratório de informática, de transmissão de *streaming* de vídeo ao vivo utilizando a ferramenta online *Ustream*, e de ferramentas colaborativas, como a elaboração de documentos colaborativos no *Google Docs* e *Etherpa*, para que fosse possível elaborar materiais por várias pessoas ao mesmo tempo.

Para o projeto final das disciplinas, em que se propôs realizar uma transmissão online e aberta, simultânea ao Jornal Nacional, a ser transmitido ao vivo no dia estabelecido para a prática, foi desenvolvida uma página exclusiva para suportar as transmissões do jornal #Tela2. Esta página foi concebida como uma seção dentro do Portal Comunicare, o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUCPR. A página foi criada como um modelo personalizado de página do *Wordpress*, plataforma de CMS do Portal Comunicare, e foi configurada para atualizar-se automaticamente em breves períodos, de modo que a cada novo acesso apresentasse informações atualizadas. Assim, os alunos dispõem uma área para controlar tudo o que estava publicado nesta página. A Figura 1 mostra uma captura de tela de um dos momentos<sup>3</sup> da página publicado do site do #Tela2, durante sua execução, contendo três espaços para as manchetes principais, duas janelas, para vídeos e entradas ao vivo, e janelas para as redes sociais.

**Figura 1:** Captura de tela da homepage do jornal #Tela2 no início da noite de 21 de novembro de 2013.



Como parte do treinamento para o trabalho em redações virtuais, em duas das aulas ambas as turmas (matutina e noturna) foram convidadas a não comparecer à universidade e participar das discussões síncrona e remotamente, de casa ou qualquer outro lugar, preferencialmente usando dispositivos móveis. Nestas aulas funcionou o esquema de grupos menores com líderes formando outro grupo simultâneo, e, assim, foram tomadas as decisões sobre que editorias ou grupos de trabalho o jornal #Tela2 teria, a que se dedicaria cada equipe, número de integrantes, horários e dinâmicas de trabalho. Estabeleceu-se que seriam criadas as seguintes editorias ou grupos de trabalho: Conselho Editorial; Rádio Escuta; TV Produção Prévia, TV ao Vivo (Câmera Viva), TV ao Vivo (Câmera Fixa), Reportagem Texto e Foto; Reportagem Texto Interativo em Tempo Real, Redes Sociais e Rádio.

A subseção seguinte apresenta resumidamente a dinâmica de trabalho decidida, colocada em prática durante o dia 21 de novembro de 2013, e alguns resultados.

### **Descrição da prática e avaliação dos resultados**

Houve um planejamento prévio, divisão das tarefas e funções por equipes e estabelecimento de rotinas, meios de comunicação e horários de trabalho; mas as pautas deveriam ser definidas e as matérias produzidas no dia. Os trabalhos iniciaram por volta das 7 horas prosseguiram por mais uma hora após o término da transmissão do JN daquela noite, ininterruptamente.

Editorialmente, coube aos jornalistas do #Tela2 prospectar as principais notícias nacionais e internacionais, produzi-las nas mídias mais adequadas, editá-las e postá-las em um site, divulgá-las via rede de computadores e telefonia móvel, fomentar a discussão sobre os assuntos abordados por elas, e estimular a participação dos “receptores” na produção das notícias. Quanto à produção de matérias, especificamente, a proposta do #Tela2 de não ter uma redação física e valer-se somente de dispositivos móveis mostrou-se viável. As informações para as notícias internacionais e nacionais foram obtidas via rede, nas agências de notícias e sites de notícias, bem como nos demais meios de comunicação (rádio, TV, etc.). As notícias que poderiam ser produzidas localmente o foram.

Esse processo não difere muito dos meios tradicionais, todavia é feito inteiramente de forma virtual, com os jornalistas separados fisicamente, porém reunidos em ambiente virtual por um sistema de produção (troca de informações, postagens, envios de arquivos, etc.) disponível no ciberespaço.

Seu funcionamento, no geral, foi considerado satisfatório, embora os participantes da experiência, ao final, apontassem as vantagens da comunicação direta, presencial, principalmente por minimizar os ruídos no acompanhamento e sincronização das tarefas de cada grupo. Igualmente, o uso exclusivo dos dispositivos móveis em todo o processo de produção, postagem e atividades nas redes, parte do qual pode ser considerado de distribuição, o que era um dos objetivos do experimento, deu-se à contento.

Da mesma forma o receptor, além da liberdade de escolha dos assuntos aos quais dispensaria sua atenção, esteve também livre para comentar, discutir com outros receptores e com os jornalistas, acrescentar informações, linkar, etc. Mesmo assim, o produto jornalístico não perdeu suas características de organizador das informações, selecionador de conteúdos, hierarquizador das notícias apesar de considerar o leitor como parte do processo produtivo, inclusive como agente de distribuição do jornal. A experiência relatada vislumbra um horizonte em que a imprensa é colocada mais próxima do receptor não só pela possibilidade de interação, mas pela segmentação e pela mirada local às notícias apresentadas no telejornal com abordagens nacionais ou internacionais.

O Quadro 1 apresenta a divisão das turmas em equipes com número de integrantes, horário de trabalho, missão a desempenhar, e avaliação dos resultados.

De forma geral, pode-se considerar que os objetivos da prática foram alcançados. Colocou-se no ar um webjornal em segunda tela paralelamente ao Jornal Nacional, apresentando matérias com pautas semelhantes, porém com uma conotação local sempre que possível, usando diferentes mídias. A produção foi realizada quase totalmente com aparelhos móveis (a equipe de TV Produção Prévia usou câmera profissional e editou em ilha fixa), e privilegiando o trabalho em redação virtual, sem local físico fixo e reuniões presenciais, à exceção de uma parcela do trabalho do Conselho Editorial, quando quatro integrantes reuniram-se em laboratório de informática. Da mesma forma, houve interação com o receptor. A liberdade de escolha da forma de comunicação por cada equipe também mostrou-se satisfatória.

A repetição da experiência, entretanto, deve promover treinamentos específicos de produção de matérias alguns dias ou semanas antes da edição que vai ar. Assim pode-se minimizar mal entendidos, como o texto longo demais e com excesso de informações redigido simultaneamente por vários repórteres, cuja atuação dos editores não contemplou apenas as informações principais. Mais treinamentos específicos

também poderiam dar mais segurança às equipes de TV Produção Prévia, que preferiram gravar com equipamentos profissionais e usar ilhas de edição ou invés dos *mobiles*, pensando em ganhar em qualidade. Da mesma forma, mais treinamento poderia acarretar em melhor dimensionamento do tamanho das equipes, se bem que esse fator, uma vez tratar-se de equipe formada por jornalistas em formação e não por profissionais, seja mais difícil de dimensionar, assim como obter melhor qualidade editorial.

A decisão de última hora de parte de Conselho Editorial, que atuou diretamente no comando das atividades enquanto o JN estava no ar, de trabalhar em reunião presencial em um laboratório (local físico), embora não tenha descaracterizado a proposta, também poderia ter sido evitada com treinamento específico e com a assistência direta dos dois professores. Evidentemente, por se tratar de atividade acadêmica com restrições causadas pelas grades horárias de alunos e de professores, nem todas as necessidades podem ser supridas, embora se tenha consciência delas.

As entradas ao vivo das equipes de TV com “câmera viva” e câmera fixa, para as quais se previa mais possibilidade de falhas, ocorreram a contento. As restrições mais significativas foram as relacionadas aos locais. As constantes falhas das conexões 3Gs levou as equipes a escolherem locais fechados nos quais se poderia contar com wi-fi, como garantia, o que restringiu pautas. O uso das redes socio-técnicas como forma de provocar a interação com o receptor sobre as notícias que estavam sendo veiculadas, em tempo real ou próximo, com intervenções e diálogo direto de jornalistas, também mostrou-se factível, embora pondere-se que o número de participantes não fosse grande em função da própria divulgação ter sido feita apenas pelas próprias redes. Um grupo maior de receptores interativos, obviamente, demandaria maior número de jornalistas dando-lhes atenção. O tipo de intervenções dos receptores foi basicamente de comentários, uma vez que não se provocou a ajuda na construção da notícia com informações, sugestões e entrevistas, muito menos sua intervenção direta nos textos, postagem de imagens ou outras formas, que demandariam mais atenção, preparo específico e configuração da página de suporte adequada.

---

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O desenvolvimento das tecnologias comunicacionais e as constantes mudanças de hábitos dos receptores, cada vez mais participativos e menos fiéis a padrões midiáticos, não estão sendo compreendidos e aproveitados pelo jornalismo na mesma velocidade.

A imprensa demora para adaptar às novas tecnologias suas rotinas de produção e veiculação dos jornais, revistas, rádio e telejornais, e mais ainda para elaborar novos formatos a partir das novas mídias. Mesmo quando as notícias são publicadas na web, as linguagens jornalísticas tradicionais (jornais, revistas, telejornais e radiojornais) ficam evidentes e não chegam a caracterizar-se como específicas para as tecnologias emergentes; muito menos as novas tecnologias comunicacionais apresentam-se como resultado de demanda para suportar linguagens jornalísticas inovadoras. O mesmo pode-se dizer em relação aos processos e rotinas de produção de conteúdos jornalísticos, que também mais valem-se das tecnologias disponíveis, com certa defasagem temporal, do que as desenvolvem para si.

A convergência de mídias que teria na internet ambiente propício à formatação de conteúdos adaptados a esta linguagem e às características de cada notícia não se revela de maneira significativa, deixando subutilizadas as potencialidades da rede como linguagem para o jornalismo. Os veículos de comunicação organizados em conglomerados, no mais das vezes, usam seus portais como depositários das notícias feitas para outras mídias e não especificamente para a web, acarretando, não raro, em redundâncias de informações ofertadas em linguagens diferentes. Os sites jornalísticos independentes ou integrantes de grupos comunicacionais formados por veículos de mídias pouco diversas, por sua vez, obrigam-se à produção de alguns poucos conteúdos em linguagens diversificadas, apenas como forma de caracterizarem-se como multimídias.

O projeto jornal #Tela2 apresentado buscou experimentar criativamente novas possibilidades além das linguagens jornalísticas tradicionais e do jornalismo praticados na web; assim como testar outras possibilidades de recepção, produção e distribuição de conteúdos.

Na interface do receptor, o #Tela2 assumiu ser paralelo a um telejornal ofertando simultaneamente, os mesmos assuntos, mas segmentados com viés local; e interatividade na construção da notícia, porém de forma mediada com critérios jornalísticos. O receptor, via redes socio-técnicas, pode participar como comentarista e construtor de hipertextos pela linkagem de informações correlatas, e de forma pós-hipertextualizada com comentários e postagens repercutindo assuntos tratados pelo jornal, mas fora dos ambientes dominados pela equipe do #Tela2. Nessa prática, o uso dos dispositivos móveis pelos receptores em simultâneo com a programação veiculada na televisão pode ser entendida como uma forma de hibridismo de mídias, viabilizada em conjunto com o acesso imediato das redes sociais, ou

mesmo para transmídiação, ao criar novas narrativas para o fato visualizado. O receptor também colaborou na distribuição quando linkou, nas suas redes, matérias do site. No #Tela2, como se pode observar, esses processos de emissão e recepção se sobrepõem sem retirar do jornalista a responsabilidade de mediação. Por outro lado, retiram do telejornal em primeira tela sua característica impositiva de “voz única”, facilitando outras opiniões, visões e discussões.

Um produto como o #Tela2 também pode ser caracterizado como um espaço de recepção no qual ocorrem processos de resignificação, que permitem potencializar os processos comunicacionais por meio de diferentes mídias. A pesquisa sobre o jornalismo em segunda tela ainda se encontra em fase inicial, porém, o meio já pode ser identificado como um campo instigante para futuros estudos de recepção e produção jornalística.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Lugar onde trabalham os redatores. Instalações físicas (edifício ou sala e equipamentos) onde são redigidas as informações e serem publicadas. (Rabaça C. A., Barbosa, G., 1978, *Dicionário de Comunicação*, Rio de Janeiro, Codecri.)

<sup>2</sup> Telejornal brasileiro produzido e exibido em cadeia nacional pela Rede Globo de Televisão desde 1º de setembro de 1969 em horário nobre noturno.

<sup>3</sup> Importante ressaltar que esta página foi constantemente atualizada pelos alunos durante o dia de execução do projeto. Portanto, apresentava conteúdos diferenciados, conforme o horário de acesso.

**Quadro 1: Formação de equipes, planejamento do trabalho e resultados**

Equipes/ nº de integrantes	Período / horário / nº de integrantes	Missão/tarefa	Resultados/Avaliação
Rádio Escuta (11)	Manhã (4) Tarde (4) Final da tarde e noite (3)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acompanhar desde as 7h os sites jornalísticos, das agências de notícias, noticiários de rádio e de televisão, jornais do dia e outros meios e levantar prováveis pautas do JN daquela noite.</li> <li>Discutir as pautas entre os integrantes da equipe e com seu líder.</li> <li>Passar as pautas que provavelmente integrarão o JN ao Conselho Editorial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Todo o trabalho foi realizado a contento, dentro do previsto, e as pautas prospectadas coincidiram quase totalmente com as do JN.</li> </ul>
Conselho Editorial (7)	Manhã, tarde e noite (7), com mais intensidade das 19h ao final do JN	<ul style="list-style-type: none"> <li>Decidir em comum acordo via rede quais das pautas sugeridas serão produzidas, por quais equipes e a(s) mídia(s) mais adequada(s) para cobrir o assunto.</li> <li>Revezar seus integrantes desde as 7h na coordenação de todas as atividades até o final do JN.</li> <li>Atuar como grupo coordenador dos trabalhos de forma mais intensa e conjunta das 19h até o final do JN.</li> <li>Dividir entre os 7 conselheiros a coordenação das equipes de produção de matérias a partir das 19h, com contato direto via rede com editores e repórteres.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O Conselho Editorial realizou seu trabalho a contento e o sucesso geral do trabalho deveu-se em muito à dedicação e liderança dos seus 7 integrantes.</li> <li>A atuação/coordenação mais intensa de forma remota pouco antes e durante o JN mostrou-se possível, mas seria mais eficiente presencialmente, pelas limitações e “ruídos” da comunicação mediada pela tecnologia.</li> <li>Quatro dos integrantes do Conselho decidiram reunir-se em um laboratório de informática da universidade para realizar seu trabalho pouco antes e durante o JN. O previsto era trabalhar em ambientes separados, remotamente.</li> </ul>
Reportagem Texto Interativo em Tempo Real (10)	Manhã (3) Tarde (6) Noite (2)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Receber pautas do Conselho Editorial sobre assuntos nacionais e/ou internacionais não consolidados (notícias em andamento) e acompanhar seu desenrolar durante todo o dia usando como fontes sites de notícias, agências de notícias e os demais meios de comunicação.</li> <li>Redigir texto único em conjunto pelos repórteres para cada notícia, que deverá ser atualizada a cada novo episódio até o final do JN, com a coordenação de um editor (um pela manhã e outro à tarde).</li> <li>Cada texto deve ter em média 2.500 caracteres.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>A escolha das notícias mostrou-se acertada, pois constaram do JN.</li> <li>A mídia texto mostrou-se adequada, pela impossibilidade de produção em outras como vídeos e áudios localmente.</li> <li>Os textos ficaram bem completos, porém logos demais.</li> <li>Faltou trabalho eficiente de um editor único por matéria para deixar no texto, a cada atualização, somente as informações mais importantes.</li> <li>Faltou mais treinamento para um melhor entrosamento entre os 10 integrantes da equipe.</li> </ul>
TV Produção Prévia (2)	Tarde (2)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Receber uma pauta do Conselho Editorial no início da tarde.</li> <li>Produzir uma matéria jornalística de TV (reportagem e edição) até as 19h30.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>A matéria foi produzida satisfatoriamente e enviada ao Conselho Editorial em tempo de ser postada antes do JN.</li> </ul>

Reportagem, Texto e Foto (5)	Manhã (2) Tarde (3)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Receber pautas do Conselho Editorial pela manhã e início da tarde.</li> <li>• Realizar as entrevistas e levantar os dados necessários.</li> <li>• Produzir as respectivas fotos, quando possível.</li> <li>• Redigir e revisar os respectivos textos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A escolha das pautas foi adequada.</li> <li>• Os textos e fotos foram postados antes do início do JN.</li> </ul>
Rádio (6)	Tarde (6) Matérias gravadas (4) Entrevista ao vivo (2)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Receber pautas do Conselho Editorial no início da tarde.</li> <li>• Gravar as entrevistas, produzir <i>offs</i> e editar as matérias.</li> <li>• Prospector um assunto que provavelmente estará no JN, encontrar um entrevistado adequado para comentá-lo ao vivo, via celular, durante a apresentação do JN.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As matérias gravadas foram produzidas satisfatoriamente e com assuntos adequados à proposta.</li> <li>• O entrevistado para comentar um assunto do JN foi encontrado e a entrevista ao vivo agendada. Porém, minutos antes do início do jornal, precisou ocupar-se com outra atividade e não entrou ao vivo. Entretanto gravou seus comentários que foram veiculados concomitantemente à respectiva matéria do JN.</li> </ul>
TV ao Vivo – Câmera Viva (5)	Final da tarde e início da noite (5)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Receber uma pauta do Conselho Editorial no meio da tarde.</li> <li>• Prospector um entrevistado para analisar e comentar o assunto dando-lhe conotação local.</li> <li>• Encontrar o entrevistado em local relacionado ao assunto pautado.</li> <li>• Realizar uma entrevista e transmiti-la ao vivo durante o JN.</li> <li>• As imagens devem mostrar o entrevistado e o ambiente relacionado ao assunto em pauta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O entrevistado e o local adequado foram encontrados.</li> <li>• A entrevista ao vivo foi realizada e transmitida adequadamente simultaneamente à respectiva matéria do JN.</li> </ul>
TV ao Vivo – Câmera Fixa (4)	Final da tarde e início da noite (4)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encontrar um lugar onde muitas pessoas estejam presentes.</li> <li>• Fixar neste local uma câmera capaz de captar a imagem de um repórter e um entrevistado.</li> <li>• Receber do Conselho Editorial uma pauta durante a exibição do JN.</li> <li>• Realizar uma enquete sobre um assunto apresentado pelo JN e que não esteja sendo coberto por nenhuma equipe.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O assunto que não estava sendo coberto foi pautado à equipe durante o JN.</li> <li>• A equipe realizou a enquete dentro de um bar ao vivo.</li> <li>• Os entrevistados escolhidos na hora posicionara-se diante da câmara e responderam adequadamente aos questionamentos do repórter.</li> </ul>
Redes Sociais (6)	Manhã (1) Tarde (2) Final da tarde/ Noite (3)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar perfil e página do #Tela2 no Twitter e Facebook.</li> <li>• Explicar a proposta do #Tela2 via redes sociotécnicas;</li> <li>• Divulgar a edição do #Tela2.</li> <li>• Linkar nas redes matérias postadas antes do JN e fomentar discussão sobre elas.</li> <li>• Linkar matérias postadas durante o JN e fomentar discussão sobre elas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A equipe trabalhou adequadamente fazendo a divulgação e administrando as redes durante o dia.</li> <li>• Trabalhou intensa e satisfatoriamente à noite durante o JN. Conseguiu reunir um pequeno grupo de internautas e manteve diálogo com ele.</li> </ul>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguinaga, E. de, 2001, "Hacia uma teoria del periodismo", *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, n o7, pp. 241-255.
- Barbosa, S., 2013, "Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais", in Canavilhas, J., *Notícias e Mobilidade: O jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis*, Covilhã, UBI, LabCom.
- Barcellos, Z., Bozza, G., 2012, "ComuniCode: Do Jornalismo Hiperlocal à Esfera Pública Internacional", *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, vol. 14, no34, pp. 247-262.
- Campbell, S. W., Kwak, N., 2010, "Mobile communication and social capital: an analysis of geographically differentiated usage patterns", *New Media Society*, SAGE, vol. 12, ed. 3, pp. 435-451.
- \_\_\_\_\_, 2012, "Mobile communication and strong network ties: Shrinking or expanding spheres of public discourse?", *New Media Society*, SAGE, vol. 14, ed. 2, pp. 262-280.
- CETIC, 2013, *TIC Domicílios e Usuários 2012*, URL: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/C10.html>, acesso em 08 jan. 2014.
- Corrêa, E., Bertocchi, D., 2012, "A cena ciber-cultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria", *Matrizes – Revista do Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo*, vol. 5, no2.
- Egler, T. T. C., 2007, "Redes sociotécnicas, políticas públicas e gestão democrática da cidade", in Egler, T. T. C. (Ed.), *Ciberpólis: redes no governo das cidades*, Rio de Janeiro, 7 Letras, pp. 7-22.
- Finger, C., Souza, F. C. de, 2012, "Um novo modo de ver TV", *10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, Curitiba, Anais SBPJor, vol. 1., p. 15.
- García, X. L., Fariña, X. P., 2010, *Convergencia Digital. Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- Humphreys, L., 2010, *Mobile social networks and urban public space*, SAGE, URL: <http://nms.sagepub.com/content/12/5/763>, acesso em 08 de abr. de 2012.
- IabBrasil, 2013, *Brasil Conectado – Hábitos de Consumo de Mídia – 2013*, URL: <http://iabbrasil.net/portal/brasilconectado2/>, acesso em 08 jan. 2014.
- Jenkins, H., 2008, *Cultura da Convergência*, São Paulo, Aleph.
- Kerckhove, D. de, 2009, *A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica*, São Paulo, Annablume, p. 250.
- Lévy, P., 1999, *Cibercultura*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Machado, E., 2008, "Sistemas de circulação no ciberjornalismo", *ECO-PÓS*, vol. 11, no2, ago.-dez. 2008, pp. 21-37.
- Martins, A., Soares, T., 2001, "As narrativas cross e transmídia e as características do webjornalismo no Globo esporte", *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, vol. 10, no20, jul.-dez., pp. 55-76, URL: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/918>, acesso em 16 dez. 2013.
- McNair, B., 2009, "Journalism in the 21st century – evolution, not extinction", *Journalism*, SAGE, vol. 10, no3, pp. 347-349.
- Palacios, M., Cunha, R., 2012, "A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias", *Contemporânea – comunicação e cultura*, vol. 10, no3, pp. 668-685.
- Pontes, F. S., Silva, G., 2009, "Jornalismo e realidade: da necessidade social da notícia", *Revista Galáxia*, São Paulo, no18, dez., pp. 44-55.
- Porto, D., Flores, J., 2013, *Periodismo transmedia: reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos*, Madrid, Fragua.
- Scolari, C., 2013, "Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan. Austral Comunicación", Barcelona, Planeta de Libros, vol. 2, no2, pp. 247-249.
- Terra, C., 2012, "Usuário-mídia: o curador das mídias sociais?", in Saad Corrêa, E., *Curadoria Digital e o Campo da Comunicação*, São Paulo, ECA-USP.
- Tuchman, G., 1983, *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S. A.
- Vassão, C. A., 2008, *Arquitetura Livre: Complexidade, Metadesign e Ciência Nômade*, Tese de Doutorado, FAUUSP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, URL: <http://caiovassao.com.br/2009/01/09/arquitetura-livre-complexidade-metadesign-e-ciencia-nomade/>, acesso em 16 dez. 2013.



**Po** Este artigo inicialmente aborda o uso de dispositivos móveis pessoais, portáteis, interativos e multimídias nas várias etapas da produção, distribuição e consumo de produtos e conteúdos jornalísticos. Discute a possibilidade de o trabalho jornalístico ser feito totalmente no ciberespaço de forma remota. Também propõe o uso dos termos “redação virtual” e “jornalismo em segunda tela” amparado pela narrativa transmidiática. Num segundo momento, o trabalho relata a experiência de produção, formatação e distribuição de conteúdos jornalísticos multimídia em segunda tela, usando dispositivos móveis e em redação virtual. O objetivo é produzir matérias direcionada a mídias que sejam mais adequadas à cada notícia, tendo um telejornal de grande audiência como primeira tela. A transmissão paralela ao *Jornal Nacional*, da *Rede Globo de Televisão*, levantou antecipadamente suas pautas e produziu matérias sobre os mesmos temas, mas com foco local. Esse jornal, o *#Tela2*, foi produzido por alunos do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). O artigo expõe também o processo de criação e de planejamento, e detalha todas as etapas da produção realizada pelos alunos, acompanhadas de avaliações críticas. As turmas mesclaram-se e dividiram-se em equipes para desempenhar diferentes tarefas: conselho editorial, rádio-escuta, redes sociais, reportagem de televisão, reportagem de rádio, reportagem de jornal (texto e foto), reportagem com texto coletivo em tempo real. Também foram designadas equipes para a realização de três entradas ao vivo: câmera fixa para televisão, matéria de televisão ao vivo (câmara viva) e entrevista de rádio. Os resultados apontam que a experimentação foi satisfatória ao demonstrar ser possível realizar jornalismo integralmente em redações virtuais, usando apenas dispositivos móveis comuns na atualidade em todas as etapas do fazer jornalístico: planejamento da edição, produção de matérias, edição, revisão, veiculação, distribuição e interação com os receptores. Esta dinâmica resultou também em processo de transmediatização.

**Palavras-chave:** webjornalismo, jornalismo em segunda tela, redação virtual, dispositivos móveis.

**En** The first topic addressed in this article is the use of personal, portable, interactive and multimedia-capable mobile devices at the various stages of production, distribution and consumption of journalistic production and content. We strive to determine if journalistic work can be entirely performed remotely from cyberspace. We also propose employing concepts of “virtual newsroom” and “second screen journalism,” as evidenced in transmedia narration. Secondly, this article analyzes an experiment in the production, publishing and distribution of multimedia second screen journalistic content, made possible using mobile devices and virtual writing. The goal of this experiment was to offer more targeted content to media having as a first screen a television newscast with a large audience. The newscast resulting from this experiment, *#Tela2*, was designed by the students of journalism at the Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR). The program, broadcast in parallel with *Globo de Televisão’s Jornal Nacional Rede*, was created in two steps. The first produced a list of summary titles from the *Jornal Nacional*, while the second consisted of content creation by the *#Tela2* newscast team based on the same themes covered in the *Globo* newscast, but with local flavor. Also described are the planning and creative processes, and the details of every step of the production process by students, along with critical evaluations. The classes were mixed and divided into different groups to perform several tasks: editorial board, radio monitoring, social networks, television coverage, radio coverage, newspaper reporting (texts and photos), and real-time reporting of collective contributions. Teams were also assembled to create three live broadcasts: fixed camera for television, live television (hand-held camera) and radio interviews. The experiment demonstrated that it is possible to produce journalistic content entirely from a virtual newsroom employing only common mobile devices at each stage of journalistic work: edition planning, content production, editing, revision, vehicula-

tion, distribution and interaction with receivers. This dynamic also gave rise to a process of transmediatization.

**Keywords:** web journalism, second screen journalism, virtual newsroom, mobile devices.

**Fr.** Cet article aborde, en premier lieu, l'utilisation de dispositifs mobiles personnels, portables, interactifs et multimédias lors des différentes étapes de la production, distribution et consommation de produits et contenus journalistiques. Au cours de cette première étape, nous cherchons à savoir si le travail journalistique peut être totalement réalisé à distance, depuis le cyberspace. Nous suggérons également l'utilisation des termes de « rédaction virtuelle » et de « journalisme de second écran », soutenus par la narration transmédiatique. Dans un deuxième temps, cet article expose l'expérience de production, édition et distribution de contenus journalistiques multimédia de second écran, en ayant recours pour cela à l'utilisation de dispositifs mobiles et de rédaction virtuelle. L'objectif de cette expérience est de proposer des contenus destinés à des médias qui seraient plus en adéquation avec chaque information avec, comme premier écran, un journal télévisé de grande audience. Le journal fruit de cette expérience, intitulé *#Tela2*, a été conçu par les élèves du cursus de journalisme de l'Université pontificale catholique du Paraná (PUCPR). Sa transmission, en parallèle au *Jornal Nacional* de *Rede Globo de Televisão*, a été réalisée en deux étapes. La première s'est traduite par un relevé des titres au sommaire du *Jornal Nacional*. La deuxième, quant à elle, a consisté en la création de contenus par l'équipe du journal *#Tela2* à partir des mêmes thèmes abordés dans le journal de *Globo*, mais avec un accent local. Cet article expose également le processus de création ainsi que de planification, et détaille toutes les étapes de la production réalisée par les élèves, accompagnées d'évaluations critiques. Les classes ont été mélangées puis divisées en différents groupes afin de réaliser plusieurs tâches : conseil éditorial, radio écoute, réseaux sociaux, reportage de télévision, reportage de journal, reportage de journal (texte et photo), et reportage de texte collectif en temps réel. Des équipes pour la réalisation de trois directs ont également été créées : caméra fixe pour la télévision, sujet de télévision en direct (caméra vivante) et interview radio. Les résultats indiquent que l'expérience a été satisfaisante en démontrant qu'il était possible de réaliser un travail de journalisme intégralement à partir de rédactions virtuelles, en ayant pour seul recours des dispositifs mobiles communs lors de chaque étape du travail journalistique : planification de l'édition, production de contenus, édition, révision, véhiculation, distribution et interaction avec les récepteurs. Cette dynamique a également donné lieu à un processus de transmédiatisation.

**Mots-clés :** webjournalisme, journalisme de second écran, rédaction virtuelle, dispositifs mobiles.

